

O PORNÔ COMO EXPERIÊNCIA URBANA

A sexshop denotaria literalmente de uma descontinuidade na cidade? Sua presença assemelhar-se-ia a uma mancha num tecido limpo? Em suma, a ruptura que significa não estaria integrada ao mundo urbano? São muitos os motivos que podem explicar o crescimento da pornografia na sociedade de modernidade. A valorização da sexualidade como realização pessoal e chave do sucesso conjugal; a progressão da nudez nas imagens publicitárias tanto quanto nas práticas de praia; a afirmação de uma autonomia individual engajada na responsabilidade de escolhas que deveriam ser toleradas democraticamente porque podem ser minoritárias – isso tudo beneficia a implementação de um mercado que se vincula menos às reivindicações de inspiração libertária das quais resulta parcialmente do que à lógica de marketing neo-liberal.

A palavra pornografia origina-se num nome comum e nos verbos gregos: *porné* (prostituta) e *grāphein* (descrever). O sentido etimológico indica que a sexualidade pornográfica encena uma mulher que se vende e se compra. Também significa que a pornografia confere à descrição das relações sexuais uma dimensão obscena. A palavra, tal como a empregamos hoje, remete às imagens divulgadas por aquilo que chamamos a “indústria do sexo”. Também nomeado “sex-business”, consiste na realização e na venda de fotografias, filmes e vídeos que exibem cenas de penetração. Contudo, não seria suficiente dizer que, do erotismo à pornografia, cresce o realismo ou aumenta a crueza. O que mais diferencia esses dois gêneros, é a construção de suas imagens. Os conteúdos provavelmente não são idênticos, mas é, acima de tudo, a retórica particular das imagens pornô que deve ser levada em conta. Num filme erótico, cenas em que os protagonistas tiram a roupa ou se acariciam estão inseridas na trama de um roteiro. Mesmo quando este roteiro serve apenas de pretexto, não deixa de ser contada uma história. Isto implica notadamente que o espectador possa se identificar às personagens e que conheça as relações que mantêm [entre si]. Num filme pornográfico, a história serve deliberadamente de pretexto. Eventualmente nem existe.

Neste artigo, irei seguir descrevendo as especificidades da imagética pornográfica, porém, mais do que a pornografia enquanto território, o que me interessa é sua imagética e sua difusão. Esta é contemporânea de lógicas perceptivas próprias ao mundo urbano. Assim, é o vínculo entre o sexo e o mundo urbano que tentarei descrever aqui. Passando pela sexshop, esta loja na cidade, cujas recentes transformações apontam para as evoluções de uma lógica urbana.

Uma imagem peculiar

No plano da sua organização, podem ser destacadas três grandes características das imagens pornô. Em primeiro lugar, a sexualidade pornográfica está vinculada

ao imediato, o que pode indicar alguma contradição: apresentado sob a forma a mais realista, o sexual é encenado de uma maneira totalmente irrealista. Protagonistas, a respeito dos quais não só ignoramos as relações como também podemos saber que são um para o outro completamente desconhecidos, podem tornar-se subitamente parceiros de uma intimidade. Sob este aspecto abrupto, pode se dizer que o pornô se inspira do gênero burlesco. Mas o que vale destacar, é que a sexualidade se torna a estruturação principal e quase única das interações. Dito de outra forma, a sexualidade pornográfica situa-se além das convenções, dos costumes ou hábitos sociais. Ela deixa de ser determinada por uma cultura, é ela [a pornografia] que a determina ou contém por inteiro. Em segundo lugar, o filme pornográfico vale-se de uma dinâmica de constante “aumento do lance” e outorga ao exagero o valor de uma norma. Num filme erótico, assistimos aos momentos íntimos dos personagens como se os surpreendêssemos. Num registro pornográfico, é essa intimidade que nos surpreende, impondo-se a nosso olhar. As técnicas de penetração supõem que sempre seja deixado um lugar para aquele que olha a cena de longe, como se este fosse participar ou como se a personagem feminina (notadamente) tivesse a capacidade de uma disponibilidade perfeita. O erotismo encena dois protagonistas que se seduzem e se amam. Tal obrigação de cumplicidade e de entendimento deixa de ser imposta nas produções pornográficas. Protagonistas bastam-se a eles mesmos no erotismo enquanto que, nas produções pornôs, só existem, uns em relações aos outros, se demonstrarem sua competência sexual. Um terceiro ponto vinculado aos dois anteriores: é evidentemente *uma sexualidade profissional* que prevalece. Os atores não são atores. Não encarnam papéis. Cumprem uma performance. A sexualidade visual que realizam não é a sexualidade relacional que praticamos.

No período chamado de “revolução sexual” (anos 1970), a pornografia podia parecer contestatória e transgressiva. Fazia-se uma oposição entre o esteticismo das imagens eróticas (*Emmanuelle* de Just Jaeclin) e a audácia das práticas buco-genitais (*Gorge profonde* de George Damiano). Hoje, a pornografia está ao mesmo tempo mais extrema e mais banalizada: inclui o erotismo entre seus componentes, já que possui atualmente o monopólio das imagens de sexo. O discurso contemporâneo dos atores do sex-business não questiona uma “ordem burguesa”, promove valores positivos. Pode se afirmar que, por conta do seu caráter explícito, a imagem pornô cumpre um papel pedagógico e contribui, melhor do que fazem as pranchas anatômicas, para a educação sexual. Embora esta imagem seja excessiva, é a sua dimensão fantasmática que merece ser observada. Pode-se dizer que tem uma função catártica. Ao produzir uma exteriorização das fantasias, possibilita manter uma distância entre a ficção e o real. Ou ainda, se a imagem pornô abre espaço a

práticas que não são da maioria, poder-se-á dizer que contribui para o reconhecimento das minorias sexuais, ou de modo mais geral, que incentiva posturas de tolerância. No fundo, tudo acontece como se a pornografia se adaptasse sempre às tendências (desde movimentos de liberação coletiva até reivindicações de singularidades), da mesma forma em que se apresenta em todos os tipos de suporte (até nos calendários ou nos baralhos) e faz uso de todos os meios de comunicação (fotografia, cinema, cartão postal, imprensa, telefone, minitel, vídeo, DVD, Internet).

Banalização do pornô e impacto da imagem

É portanto a circulação da imagética pornográfica que precisa ser levada em conta. Outrora clandestina, divulgada “debaixo do pano”, esta imagética apresenta-se hoje nos lugares os mais comuns. A partir dos anos 1980, com a generalização das lojas de fitas vídeo e do uso dos leitores (aparelhos) de vídeo, não é mais necessário freqüentar salas de cinema especializadas ou fazer compras em sexshops. Doravante, qualquer banca de revistas possui uma sessão onde revistas e DVD pornográficos estão oferecidos à venda. A televisão divulga filmes pornôs nos seus canais fechados. Certos atores podem posar para marcas de roupas ou serem entrevistados em programas de televisão de “grande audiência”. O clima pornográfico permeia os clips musicais ou publicidades para grifes de luxo. A arte contemporânea pode também abrir espaço a imagens que deixam assim de ser exclusivamente exibidas à porta fechada. A internet concede a essas imagens uma acessibilidade ainda maior. Em sites gratuitos, é possível baixar imagens: basta o internauta afirmar que é maior de idade (é óbvio que estes sites são visitados por menores de 18 anos). Em fóruns de discussão, comenta-se os múltiplos usos da pornografia: ora denunciada como produção machista, ora reivindicada como fantasia evidentemente legítima.

Em vez de escondido e “vergonhoso”, o consumo de filmes pornográficos, mesmo permanecendo discreto, toma-se o centro de discussões públicas. Revistas femininas questionam de maneira contraditória o fenômeno da banalização: a alienação pode ser criticada, mas a emancipação também pode ser reivindicada. Se cabe denunciar a redução do corpo feminino à dimensão de mercadoria, também cabe recomendar o filme pornô enquanto coadjuvante necessário e sadio. Vale destacar que, ao contrário do que se costuma pensar, o consumo dessas imagens envolve menos pessoas que precisariam compensar sua solidão sexual do que casais que integram, junto ao prazer de uma sexualidade relacional, o prazer suplementar de uma sexualidade visual. A lei e o Decreto que marginalizaram objetivamente essas imagens (restringindo os lugares de difusão e suprimindo os incentivos financeiros)

também tiveram como efeito propulsar esse gênero cinematográfico que acaba impondo-se por inteiro hoje. Numa sociedade marcada pela incerteza, a pornografia corresponde às ambigüidades que a caracterizam. Mascarada, porém midiaticizada; secreta, porém pública; invisível, porém onipresente, sua imagética pode suscitar, com igual intensidade, opiniões favoráveis e rejeições.

Essas discussões fundam-se na evidência de um conteúdo sexual. Contudo, o que precisa ser levado em conta é bem mais um imaginário da sexualidade do que incidências diretas sobre os comportamentos. Se discutirmos os *efeitos* da pornografia sobre as práticas, dificilmente se chega a produzir um parecer definitivo. Se todas as atrizes são bissexuais, não implica que todas as mulheres também tenham se tornado bissexuais. Se todos os casais praticam o “ménage à trois”, não resulta num aumento generalizado desta prática. Se todos os grupos fazem trocas de casais, tampouco podemos convir de que tal disposição tenha se tornado uma norma. Em contrapartida, é necessário interrogar o *impacto* desta imagética. *A priori* desprovida de efeitos diretos sobre os comportamentos, a pornografia não pode permanecer neutra no plano das representações. Evidentemente, a questão é complexa na medida em que a pornografia não existe no singular. Há muitas pornografias: são diversas no seu tipo de conteúdo mas podem também ser opostas pelos climas que instauram. Não podem ser colocadas num mesmo plano imagens onde a *porn-star* exhibe mais do que a *playmate* de outrora, e aquelas que encenam relações sexuais num clima de opressão, de repressão ou de humilhação. O que deve ser levado em conta, então, são os *limites* que os espectadores conseguem, mais ou menos, impor-se assim como os *distanciamentos* que podem praticar.

Uma loja como outra ?

É por volta dos anos 1970 que as sexshops começam a multiplicar-se nas cidades. Surgem nos bairros de prostituição e nos arredores das estações ferroviárias. São sinalizadas através de luzes neon piscando e vidros escuros, ou por vitrines que contêm, de modo indicativo, os objetos e imagens que podem ser encontrados aí. Regularmente, a encenação da fachada e da entrada – a cortina entreaberta em vez de uma porta que haveria de empurrar – envolve um jogo com os limites do lícito ou do tolerado. No início dos anos 1990, Boulevard de Clichy em Paris, uma associação de moradores obrigou um comerciante a retirar da sua vitrine um manequim autômato que ficava, o dia inteiro, açoitando imperturbavelmente o molde de uma bunda. Alguns movimentos pediram o fechamento desses locais de vício. Mas as *sex-shops*, cuja concorrência era temida das prostitutas da *Rue St-Denis*¹, acabaram impondo-se progressivamente na cidade, tornando-se, de modo similar aos teatros de striptease, os marcos convencionais dos territórios por elas conquistados.

A extrema visibilidade da loja e o caráter “escancarado” da publicidade que faz dela mesma consagram o estilo do estabelecimento que conjuga reserva e convite, profissionalismo austero e festividade popular. A sexshop lembra ao mesmo tempo a audiência à porta fechada e a galeria comercial. Associa o fechamento à abertura: um lado clube privado e fechado a caracteriza, ao mesmo tempo em que se assemelha a uma loja bombonières em self-service. Igualmente a aquilo que está oferecido à vista e à venda – não um erotismo convencional mas uma sexualidade de demonstração² -, a organização da vitrine se dá em conformidade com uma retórica que estabelece o controle da truculência esbanjada. Assim, uma provocação orquestrada confere à sexshop um estatuto e a integra no espaço urbano ao modo de um serviço (como uma lavanderia automática), de uma mobília (como uma coluna publicitária) e de uma sinalética (como a iluminação de um monumento).

O “fora” oculta certamente o “dentro”. Avisa sobre a particularidade de um comércio proibido aos menores de 18 anos. Mas expõe sobretudo a ordenação de uma sexualidade de exibição, simultaneamente excessiva e pacificada, transgressiva e dentro da norma, obsessiva e convencional.

Um sexo ardente e pacificado

A fachada colorida que sinaliza as especialidades do local, assim como fazem certos restaurantes asiáticos exibindo fotografias em suas vitrines, significa evidentemente uma ruptura. O espaço da loja estabelece uma transgressão dos códigos sociais urbanos. No lugar dos jogos de aproximação e esquiva, dos ritos de sedução e de evitação, o material da sexshop expõe a consagração de um mundo de atividades buco-genitais, de copulações frenéticas, de sexos depilados e de ejaculações faciais. Aí, as mulheres tornaram-se bissexuais, os casais viraram ménage à trois e os grupos praticam trocas de casais. O corpo deixou de ser o corpo de uma pessoa que atrai: é uma plástica eficiente de interações regidas por ocupações de orifícios. Tal ativismo excessivo nem por isso gera transbordamentos licenciosos. Podemos passear diante das imagens da sexualidade performática com a mesma fleuma que se tivéssemos numa loja de sapatos. O material sulfuroso está guardado em prateleiras e sessões. Está classificado, como as obras de uma livraria, por gêneros. Uma atmosfera silenciosa domina a loja. Aí, não é de bom tom soltar risadinhas ou respirar muito alto. O gabinete de curiosidade deveria ser visitado de uma maneira quase que sábia ou contemplativa. A pornografia não abre espaço para um puro desenfrear, não programa o abandono ao corpo sensual ou a livre evasão na experiência carnal de uma natureza do sexo. É uma organização profissional de um mundo de imagens onde as situações sexuais se tomam padrões, onde os gestos e os corpos são modelizados, onde os excessos são uns “musts” que, igualmente

àqueles do universo do luxo, estão oferecidos ao olhar sem obrigação de compra nem necessidade de sentir-se envolvido. A exposição de cenas-choques pode deparar-se frente a uma certa indiferença ou uma quase apatia. Alguma embriaguez pode ser observada na clientela mas sem que esta abra mão da sua reserva decente. A crueza da imagem não obriga a chegar à confissão ou a passar a via de fatos. Apenas pode ser observada no jogo de uma excitação contida. Talvez seja – além dos strings e artefatos, das fantasias e dos vídeos – o ambiente peculiar de uma loja que expõe publicamente o íntimo e que propõe seu consumo visual público o que melhor caracteriza a dimensão urbana da sexshop. A clientela unissex passa a ser seu desafio, a co-presença um estimulante ou um constrangimento, o olhar alheio um inconveniente ou um mecanismo de partida.

Também deve se levar em conta o fato que a loja pode estar vazia. Que ela existe independentemente de qualquer comprador como se a sua única função fosse de sinalizar um recanto do sexo bruto, um lugar “sexo” num tabuleiro onde nenhum jogador do « Banco Imobiliário » urbano estaria colocando sua peça. Poderíamos lamentar por esse comerciante nunca receber visita e apressar o passo diante deste infeliz cujos artigos não interessam ninguém. Mas a sexshop, mesmo inabitada, impõe um outro olhar, um outro uso visual. Existe pelo fato da sua própria existência. A falta de interesse não diminui a intensidade da sua presença. Talvez seja mais enquanto signo do que enquanto comércio que adquire uma visibilidade e uma “função”. Em Bordeaux, *cours Pasteur*, uma sex-shop coteja o Musée d’Aquitaine. O « minimercado » pornográfico localiza-se numa extrema proximidade do monumento patrimonial e do templo cultural à maneira de uma portaria de prédio residencial ou de uma guarita de departamento público. Diremos então que, assim como fazem as células cancerosas, o pornô vem agarrar-se aos órgãos os mais nobres do « corpo » da cidade ? É pertinente prever que a Internet irá tornar em breve este tipo de comércio obsoleto ? Do mesmo modo que a vídeo tem contribuído para o fechamento dos cinemas pornôs, o sexo « on line » poderia tornar inútil a presença construída das sex-shops.

O sexo periférico

A sexshop denotaria literalmente de uma descontinuidade na cidade ? Sua presença assemelhar-se-ia a uma mancha num tecido limpo? Em suma, a ruptura que significa não estaria integrada ao mundo urbano? São muitos os motivos que podem explicar o crescimento da pornografia na sociedade de modernidade. A valorização da sexualidade como realização pessoal e chave do sucesso conjugal; a progressão da nudez nas imagens publicitárias tanto quanto nas práticas de praia; a afirmação de uma autonomia individual engajada na responsabilidade de esco-

lhas que deveriam ser toleradas democraticamente porque podem ser minoritárias – isso tudo beneficia a implementação de um mercado que se vincula menos às reivindicações de inspiração libertária das quais resulta parcialmente do que à lógica de marketing neo-liberal. Porém, ainda há de se levar em conta, muito mais do que um contexto ao redor, relações sociais urbanas que modificam a própria relação com a cidade e, portanto, com seus equipamentos.

Outrora, a sexshop podia ser inconveniente ou provocadora. Devia pertencer ao mundo da noite e suas transgressões reivindicadas ou culpadas. Hoje, pode expatriar-se de territórios “amaldiçoados” ou suspeitos, exilar-se dos bairros do sexo, integrar-se em espaços residenciais, participar de uma lógica urbana segundo a qual a ordem, a unidade e o belo deixaram de ser condições *a priori* constitutivas dos modos de se morar. Tratar-se-ia apenas de uma estratégia comercial: tornar menos complexo, mais “próximo”, o trajeto que leva do domicílio até a loja comprometedora, facilitando a *démarche* do comprador “complexado”? Esta pode ser a teoria de empresários do pomô-business, convencidos de que a sexshop deve liberar-se do gueto onde ela mesma se prendeu ao territorializar espaços, anexar-se bairros, ocupar intensivamente lugares. Assim, podem surgir na periferia das cidades-centros, semelhantemente aos supermercados do funerário, supermercados do pornô (o espaço « Carré blanc³ » no subúrbio de Lille, por exemplo) ou, no espaço urbano, “lojas de departamentos” do pomô situadas em avenidas cujos estilos e funções principais não são aqueles dos prazeres do sexo⁴. Tal desterritorialização merece ser questionada. Podemos compreender que está associada a uma lógica totalmente comercial. Podemos explicar que este crescimento corresponde àquele, de caráter totalmente físico, de uma urbanização que estende e distende a cidade-aldeia. Podemos também compreender que a passagem da loja de vibradores ao supermercado, não é apenas uma passagem do *Bonheur des dames* às *Grandes Galeries*⁵. O que está em jogo não é apenas uma maior visibilidade e uma expansão espacial. Trata-se de uma hibridação da excitação e da fleuma, de combinações do íntimo e do coletivo, de co-possibilidades territoriais urbanas, das quais a sexshop adota, ao se modificar, as novas configurações. A co-presença da hiper-proximidade e do anonimato, o jogo de distanciamento, de aproximação e de indiferença⁶, a nova configuração do indivíduo e as máscaras contemporâneas da sua singularidade conferem à sexshop uma organização estruturante que abrange – e vai além (do) – o caráter local da loja e sua especificação funcional.

Walter Benjamin analisava a modernidade de um cinema cujas imagens em metamorfose, dizia ele, provocavam um “choque”. Inferia “profundas modificações do aparelho perceptivo” e estabelecia uma correspondência com a experiência do “primeiro transeunte na rua de uma grande cidade”⁷. É a pornografia (sem limitá-la a

seu conteúdo mas analisando as relações que estão em jogo na visualização do sexo) e as formas urbanas que devem hoje ser estudadas na sua sinergia. Longe de ser um rasgo no “tecido” urbano, a sexshop e suas modulações⁸ constituem-se como pontos de observação das sociabilidades, onde a imagem deixa de ser uma mediação para entrar na própria construção das relações ao outro e a si⁹.

A sociedade através da imagem

A imagem e sobretudo a imagética pornográfica são sintomáticas da sociedade contemporânea. Certamente, o gosto ou a curiosidade para com as coisas do sexo não é nenhuma novidade. Mas a difusão, a circulação ou a intercalação do sexual no mundo mais cotidiano fabricam uma outra relação à sexualidade. Aliás, talvez nem se trate de sexualidade. Afirma-se que a pornografia se tornou um ingrediente presente em todas as formas e espécies de ambientes e imagens. Contudo, tal constatação bastaria? Na França, atrizes e atores do pornô são convidados em programas de televisão, posam para grifes de roupa, como já disse, e seus nomes são citados pelas pessoas entre outros nomes famosos. O que precisa ser compreendido, antes de tudo, é que a imagem deixou de ser um « diante de si » ou, que a imagem não pertence mais à representação. Tornou-se uma apresentação, feita de acasos, de « chances ». Em suma, não se acredita mais necessariamente no conteúdo. A imagem pornô passa a ser, sobretudo, um modo de encontro visual, propriamente urbano, com o imprevisível, estupefador ou momentâneo. O pornô é o contemporâneo do urbano por esses motivos « temporais ». O que importa não é o espaço da sexualidade, pois é a temporalidade que é relevante. Neste ponto, o pornô tornou-se um ingrediente, um espécie de coloração do modo de vida urbano. Um coadjuvante sensorial para além das práticas sexuais. A fotografia pornô não produz um mundo artificial, não torna o mundo artificial. Ajuda a compreender um movimento do mundo : a co-presença da imagem e do corpo dentro de uma corporeidade que participa de uma imagética.

Potência do deslocamento

Não fazemos amor com nossos corpos, como bem poderíamos pensar¹⁰. É preciso dizer que fazemos amor porque a corporeidade nos faz advir para uma imagética que permite a articulação indecisa da presença e da ausência, qual seja o erotismo. A fotografia, a respeito da qual poderíamos acreditar que “representa” melhor do que a pintura, não é precisamente uma reprodução. Esta fotografia não é uma informação repetida de um ser ou de um objeto. Reenvia à corporeidade que por sua vez participa de uma imagética sem visar à coerência ou à harmonia de uma

totalidade. Trata-se portanto de uma distância que a fotografia indica, não entre o original e a cópia, mas como relação mesma à estranheza do mundo e à alteridade do si.¹¹ Vale acrescentar que a imagem não se congela na imagem. Por isso, proponho que se fale em “imagética”: não como confusão mas como manifestação de um enigma intrincado na vida ordinária. A inexatidão da fotografia sanciona a não-coincidência do mundo com si próprio e do indivíduo na sua relação a si próprio. Porém não se trata de inexatidão ou de falsidade. Trata-se, de fato, do movimento engendrado pela imagem, ou seja, aquele da semelhança. Então, o ser não está “rachado”. Dividido nele mesmo, é posto em relação com ele mesmo pelo viés de uma imagética, *inserida na própria vida*, sempre já presente. Brincar de fazer a imagem ou de ser a imagem, isso que o corpo humano faz cotidianamente e fica exacerbado nas práticas “extremas” que apenas intensificam atitudes já presentes na monotonia dos dias, é portanto exacerbar uma relação à imagética, sem implicar, mesmo assim, que a pessoa se confunda com a imagem ou que entre no mundo “enganador” das imagens.

Qual é o vínculo entre esta imagética e uma corporeidade que não se resume ao ser físico ou a sua aparência carnal? Essencialmente, trata-se da experiência do desdobramento¹². Trata-se ainda da importância do detalhe, isto é, do apartado ou do disparatado, do insignificante, do ínfimo. Trata-se da força do detalhe e da potência do erro, do imperfeito, do deslocado. Trata-se do involuntário e daquilo que vem “a mais”, fortuitamente, de modo imprevisível. Os “absurdos” urbanos pertencem a essa dinâmica que abre espaço à corporeidade e faz com que esta exista de uma maneira que é, hoje, quase palpável, numa “imagética”. O mundo urbano que localiza e desloca constituiria um “terreno” propício a esta observação? Este mundo, com efeito, abre espaço para a imbricação do corpo e da imagem e nos leva a deixar de nos satisfazer com a demarcação entre “real” e “imaginário”. Há mais ainda, o mundo urbano faz advir uma relação compósita às imagens, situa numa imagética, a corporeidade – a complexidade da relação com seu próprio corpo – impondo-se assim nas maneiras de fazer e de viver.

O pornô provoca tipicamente atitudes contraditórias. Certa noite, a vontade de olhar imagens de sexo nos motiva enquanto em outra, só a idéia dessas produções chega a nos consternar. Eventualmente, são as imagens que nos pareciam particularmente afetadas ou insuportáveis que queremos ver. Há mais ainda, temos a impressão, de uma maneira quase que incontrolável, que a mesma imagem é nojenta e atraente, aflitiva e maravilhosa. Podemos ficar dependentes de todas essas imagens (cuja totalidade não pode ser circunscrita) e considerá-las com indiferença. Podemos banalizá-las (como se fosse preciso desfazer-se delas) e “extraí-las”, escolhe-las, elegê-las, e, com esse movimento, contribuir para a perda de seus efeitos. No fundo, o

que importa nunca é esta imagem que acabaríamos encontrando mas sim, brincar de procurá-la. E o que importa mais ainda é o movimento entre as imagens, os vínculos escuros que as ligam dentro de uma narrativa outra: uma narrativa que não relata nada preciso, que não se vincula a uma história, mas cujo valor se encontra no seu desenvolvimento imprevisível. As revistas pornográficas são determinadas pelo seu conteúdo. Tais revistas são vendidas cada vez menos hoje. Não porque a internet possibilita um acesso mais cômodo e o download anônimo e quase gratuito de milhares de imagens, mas porque a internet é caracterizada pelo acaso das janelas que se abrem, o jogo dos achados e dos perdidos. Mais do que o conteúdo, é a relação ao conteúdo que importa. É portanto o jogo com si próprio que conta. A revista pornô corresponde a uma idade da cidade. A internet, por sua vez, corresponde a uma temporalidade urbana, mais confusa, capaz de desconexão, incongruência, bizarrice. Curiosamente, é a mais forte alienação que se impõe, e o que se constitui como contraponto, não é uma liberação, mas sim, uma linha de fuga que se inventa através dessas imagens formatadas. O jogo com a imagem é, em todo caso, propriamente urbano. Trata-se de um jogo com a técnica da imagem (telefones celulares que tiram fotografias, web-cams, chat, fóruns, blogs que colocam em imagens – em ícone, como dizem – nossas sensações mais imediatas e mais escuras). Tudo isso não significa que estamos dependentes de uma técnica desumana que teria substituído o mundo humano: através dessa técnica, são as próprias relações do mesmo e do outro que se encontram em jogo, não mais diante de nós, “em representação”, mas através de nós.

Patrick Baudry é sociólogo, professor de sociologia da Universidade de Bordeaux III, autor, entre outros, dos livros: *La Pornographie et ses images* (Press Pocket, 2001), *L'Urbain et ses imaginaires* (ed. Maison d'Aquitaine, 2003), *Violences invisibles* (éditions du passant, 2004), *Place de morts* (l'Harmattan, 2006).

Notas

¹ N.D.T : Rue Saint-Denis : local histórico e típico da prostituição em Paris.

² Ver Patrick Baudry *La Pornographie et ses images*, Paris, Press-Pocket, 2001.

³ NdT : o nome Carré blanc (quadrado branco) remete à sinalização utilizada pelos canais de televisão para indicar filmes e programações impróprias para crianças.

⁴ Quarenta mil pessoas vieram visitar o Salão Erótico de Bordeaux em 2003. Ocupou durante um fim de semana o galpão « Hangar 14 » situado nos cais. Ali mesmo, nesse espaço reabilitado que testemunha um Bordeaux “renovado” que tinha acontecido, no mesmo ano, o Salão do Livro.

⁵ N.D.T : nome de duas lojas de departamentos parisienses, a primeira (Au Bonheur des Dames), palco de um romance de Emile Zola, evoca os primórdios deste tipo de comércio no século 19.

⁶ Ver Georg Simmel « Métropoles et mentalité » in *L'Ecole de Chicago*, sob a direção de Yves Grafmeyer e Isaac Joseph, Paris, Aubier, 1984, p.71.

⁷ Walter Benjamin *Oeuvres III*, Paris, Gallimard, 2000, p.107.

⁸ Como já indiquei, a seshop deixou de deter o monopólio da venda de fitas e revistas pornográficas : o videoclub,

como também a banca de revistas da esquina possuem uma sessão especializada.

⁹ Ver Patrick Baudry *Violences invisibles*, Bègles, Editions du Passant, 2004.

¹⁰ Ver Georges Bataille, *L'Érotisme*, Paris, Minuit, 1957, p. 34 : « L'érotisme está na consciência do homem, o que coloca nele o ser em questão ».

¹¹ Ver Marcel Gauchet, *La Démocratie contre elle-même*, Paris, Gallimard, 2002, p. 268 : « estamos permanentemente presos entre *estar ausente ao mundo*, o que funda a possibilidade de uma objetividade do mundo para nós, ao mesmo tempo que nos significa nosso próprio desaparecimento, e *estar no centro do mundo*, na falta do que não seríamos capazes de investi-lo de uma significação subjetiva, na falta do que este mundo não seria para nós [...]. Nós nos atemos ao mais banal, ao mais cotidiano num rasgo entre pólos « loucos », igualmente insustentáveis. Só que conseguimos mantê-los juntos e, bem ou mal, nos manter no entre-dois. (grifo no original).

¹² Ver Marcel Gauchet, *idem*, p. 286 : « Nossa experiência é irredutivelmente a experiência de um desdobramento. Um desdobramento entre uma parte visível e uma parte invisível de nós mesmos. Para além do nosso corpo visível, algo da nossa identidade íntima omite-se ao visível ; além do que, enquanto seres falantes, manejamos o invisível. [...] nos tomamos, nos revelamos *duplos*. Não há cultura que não seja construída em torno da interpretação dessa **partilha** (grifado no texto). O duplo não é uma questão de alucinação, como se faria em alucinação "visual" , mas sim uma dimensão cultural..